

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

D.M<sup>II</sup>

O  
BOM  
COMBATE



# O BOM COMBATE

DEO EDNA JAIME

6 – 7 mai 2021  
ter – qua, 19h

Sala Estúdio  
duração 25 min.  
M/6

criação e performance  
Edna Jaime  
cocriação, composição  
musical e interpretação  
Francisco Macuvele  
desenho de luz  
Caldino Perema  
figurinos  
KadinhoKuti,  
Edna Jaime  
produção  
Khani Khedi, soluções  
artísticas  
agradecimentos  
Centro Cultural Franco  
Moçambicano (CCFM),  
Mamela Nyamza,  
Idio Chichava,  
Maria Ndarassua,  
Vanda Jaime

Espetáculo estreado  
a 1 de novembro de  
2016, em Maputo.

equipa TNDM II  
direção de cena  
Andreia Mayer  
operação de luz  
Gonçalo Morais  
operação de som  
Margarida Pinto  
auxiliar de camarim  
Carla Torres  
produção executiva  
Pedro Pires



“Eu estou aqui...  
após vários desafios  
Eu tive de me reinventar para continuar

Eu escolhi  
permanecer nestas fileiras  
ainda que fragilizado,  
Eu quero estar aqui  
Nem que seja para somente preparar a artilharia  
Para que os meus companheiros possam levantar e seguir  
combatendo

Eu quero estar aqui  
e travar O BOM COMBATE das artes  
Eu, Edna, sou um soldado ferido mas não abatido”

Edna Jaime

# LUTAR HONESTAMENTE NUM MUNDO CADA VEZ MAIS DESONESTO

CONVERSA COM **EDNA JAIME**

Nascida em Maputo, em 1984, Edna Jaime trabalha ritmos e movimentos tradicionais de forma orgânica, por isso, cada elemento do seu trabalho acaba por transcender a tradição ao ser incorporado nas múltiplas vivências da bailarina.

*Como se define enquanto coreógrafa?*

**Edna Jaime (EJ):** Eu sou muitas. Não me defino de uma única forma. Não tenho uma linha estética a qual sigo ou que acho que me caracteriza. Sou um conjunto, um cocktail, de muitas emoções, muitas expressões, tanto no palco, como quando concebo as minhas peças. Considero-me mais uma performer que uma coreógrafa, por causa da minha jornada artística, pelo meu processo de formação. Não venho de uma formação clássica, convencional. Tive uma experiência com um grupo que nós chamávamos Grupo de Dança Tradi-Contemporânea, que era baseado em exercícios de improvisação e de criação de todo um acervo quer de movimentos, quer de criação musical ou sonora. Era todo um trabalho de autor. O meu trabalho não será um trabalho de dança contemporânea moçambicana. É um trabalho de dança contemporânea ou uma obra contemporânea feita por uma moçambicana, que pode ter bastantes influências de outros lugares do mundo, inclusive da Europa.

*Por que sente a necessidade de fazer a reflexão sobre a origem do artista e identidade da obra, se assim se pode dizer?*

EJ: Eu não sou apologista deste conceito ou desta forma de descrever a dança contemporânea, localizando-a num espaço geográfico. Dança contemporânea africana, dança contemporânea asiática, etc., porque eu acho que a dança contemporânea é uma expressão bastante híbrida, que se alimenta do dia a dia de cada artista. O artista contemporâneo alimenta-se daquilo que é do seu quotidiano, daquilo que observa. Então o facto de um criador

pertencer a um lugar no mundo não vai localizar a sua arte. Isso para dizer que a dança contemporânea é dança contemporânea. Não pode ser africana simplesmente porque está a ser feita por um africano. Como já dizia um coreógrafo moçambicano, o saudoso Augusto Cuvilas, “Eu sou africano. Disso não tenho dúvidas. Provavelmente os outros tenham necessidade de sublinhar essa parte. Eu sou simplesmente um artista que tenho a minha identidade. Agora a minha obra tem a sua identidade, ligada às minhas reflexões, pensamentos e questionamentos, não tem necessariamente a ver com o espaço geográfico de onde eu venho.”

*Falou do seu primeiro contacto com a dança a nível profissionalizante através de um grupo que baseava o ensino da dança em ritmos e movimentos tradicionais, o Grupo de Dança Tradi-Contemporânea. Qual o papel da tradição no seu trabalho?*

EJ: A tradição, se eu a perceber como a minha cultura, tem um papel natural no que diz respeito à sua presença no meu trabalho. E a nível de *background*, a minha formação é essencialmente em danças tradicionais. Os traços de danças tradicionais no meu vocabulário, a nível de movimentos, estarão lá. E a tradição, vista como a minha cultura, faz dela um ponto central, porque é o ponto de partida e de chegada. É uma espécie de referência para eu analisar para onde vou, aquilo que eu desejo ser e aquilo que eu nasci sendo. E eu não faço esforço nenhum para me dissociar da cultura moçambicana, porque é a minha identidade.

*Qual o significado de O Bom Combate enquanto peça de dança? Em que contexto se insere este combate?*

EJ: *O Bom Combate* é a ressonância da vivência de cidadãos comuns perante adversidades, que na verdade poderiam ser ou são evitáveis. É o reflexo da perplexidade e indignação do moçambicano perante a sistemática perda de valores e princípios a vários níveis: morais, éticos, humanos. Então essa peça vem trazer outras reflexões sobre estas realidades e é uma ressonância das consequências, dessas vivências, por assim dizer. Traz também factos do passado, como alguns discursos de um combate que não é de hoje, mas continua a ser um combate pertinente, porque é um combate pelo bem comum, pelo bem de toda uma nação.

E a questão que se coloca é como se manter no compasso tendo de enfrentar os contratempos da vida. A peça foi inspirada num momento crítico que vivemos na sociedade moçambicana, por isso, decidi só trabalhar com instrumentos moçambicanos. O figurino tem muitos elementos tradicionais e mesmo os meus movimentos são movimentos basicamente tradicionais. É verdade que passaram por um processo de desconstrução, etc., mas são inspirados nos movimentos tradicionais. Mas tudo isso foi inspirado num momento crítico que foi o surgimento das dívidas ocultas, por volta de 2016, e isso foi combinado com a questão da violência que estava a acontecer no centro de Moçambique. Havia hostilidade política entre partidos, muita gente morreu, o preço de tudo subiu... Então o povo moçambicano foi colocado numa realidade em que ele teve de aprender o significado da palavra resiliência, teve de estar no compasso no contratempo. *O Bom Combate* é estar numa situação difícil, mas manter-se fiel aos seus valores, fiel aos seus princípios, lutar honestamente num mundo em que cada vez mais nos encontramos num contexto desonesto.

*A peça é acompanhada por música do artista moçambicano Francisco Macuvele com quem trabalha há vários anos. O que alimenta o vosso trabalho em conjunto?*

EJ: O Francisco é um parceiro que tem acompanhado e participado no meu trabalho há muitos anos. É uma pessoa talentosa. E temos desenvolvido vários trabalhos. O primeiro trabalho em que ele participou foi a minha primeira aventura como coreógrafa, que foi o *Niketche* um espetáculo concebido com outras duas coreógrafas moçambicanas. O espetáculo baseava-se na obra da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Na altura em que escrevi o projeto, eu estava a terminar esse livro, já havia lido também *O Sétimo Juramento* [também de Paulina Chiziane], mas foi *Niketche* que me inspirou a fazer esse trabalho. Voltando ao Francisco, ele estava lá como músico, instrumentista, em palco, e compositor musical. Partilhámos a experiência de ter participado do Grupo de Dança Tradicional-Contemporânea, onde aprendemos, a partir de bases tradicionais, novas formas de construir material artístico entre o tradicional e o contemporâneo.

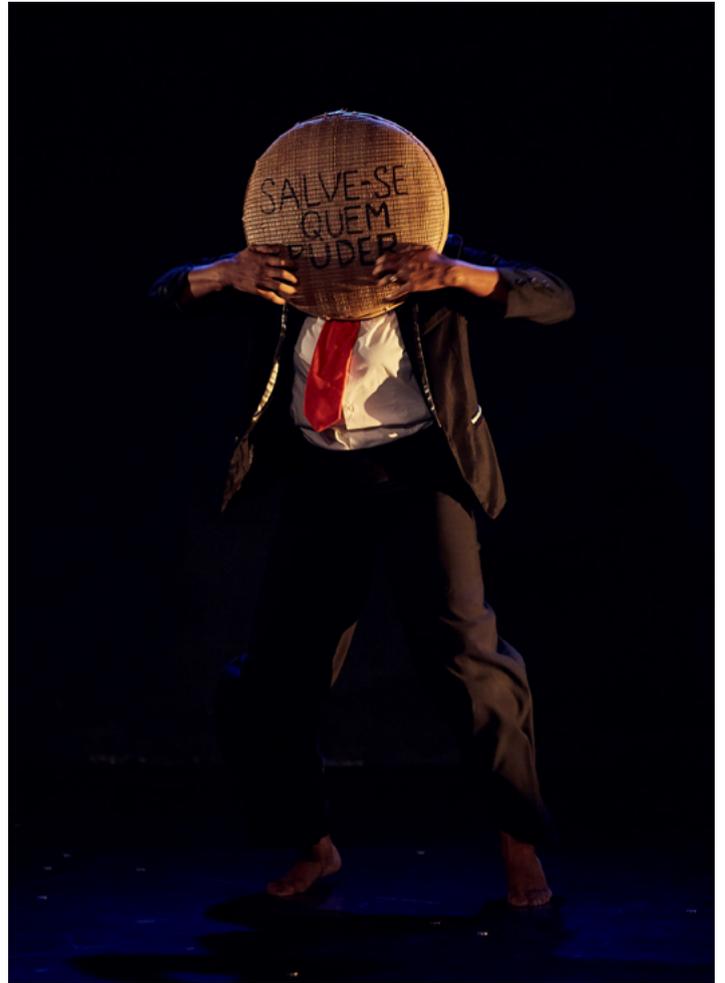
## *E neste O Bom Combate?*

Nesta peça, Francisco está como compositor musical e está a responder a um grande desafio, num exercício que procura construir um material artístico que responde à questão de como manter-se no compasso perante os contratempos da vida. Como disse, essa questão para mim resume aquilo que é *O Bom Combate*. A dança e a música estão de tal forma complementadas que nós trabalhamos bastante no contratempo e contra ritmo, que é o desafio de dançar compassadamente no contra ritmo, no contratempo. E esse foi um exercício bastante complexo para nós, mas construiu, por outro lado, uma grande cumplicidade entre nós e isso vê-se no próprio espetáculo. Muitas das pessoas que assistiram dizem que há uma cumplicidade incrível entre o músico que está ali e a bailarina que sou eu. Apesar de termos presenças diferentes, sente-se essa complementaridade.

*Gostaria que comentasse a expressão “danço, logo existo” [título do ciclo de dança que, num mundo sem pandemia, apresentaria O Bom Combate, em 2020].*

Quando ouvi o nome do Ciclo pensei: “Isto é mesmo para mim!” Porque apesar de bastantes desafios, principalmente o da maternidade, depois de ter os meus dois filhos, nunca parei de dançar. E conto o episódio do momento em que estava para nascer o meu primeiro filho e minha própria mãe falava-me sobre a força que eu tinha quando estava em palco. Para ela era a mesma força que eu deveria ter neste momento especial, que era a minha primeira viagem pela maternidade. Foi esse o conselho dela, que eu usasse a mesma força que manifestava em palco. Logo a dança faz parte de mim, e sempre que eu danço, obviamente que eu existo. O palco é o meu lugar no mundo. E é o local onde eu melhor me sinto. Onde eu me sinto segura. Onde eu me sinto confiante. E é o principal veículo, canal de comunicação em que coloco todas as minhas emoções, expressões e em que dou, mas também recebo bastante.

CONVERSA COM CARLA FERNANDES, JORNALISTA E  
FUNDADORA DA RÁDIO AFROLIS, A 20 DE FEVEREIRO DE 2020



**A SEGUIR NA SALA GARRETT**

# TOP GIRLS



**20 MAI - 5 JUN**

**TEXTO CARYL CHURCHILL**

**DIREÇÃO CRISTINA CARVALHAL**

**COM ALICE AZEVEDO, BEATRIZ BRÁS, JANI ZHAO, NÁDIA YRACEMA, SANDRA FALEIRO, SARA CARINHAS, SÍLVIA FILIPE**

**PRODUÇÃO CAUSAS COMUNS**

**COPRODUÇÃO TEATRO NACIONAL D. MARIA II**

mais informações em [www.tndm.pt](http://www.tndm.pt)

# QUEM SOMOS

## Direção Artística

Tiago Rodrigues

## Conselho de Administração

Cláudia Belchior,  
Rui Catarino,  
Sónia Teixeira

## Fiscal Único

Amável Calhau &  
Associados, SROC, Lda.

## Adjunta da Direção

### Artística

Magda Bizarro,

### Assessoria Contratação

### Pública

Rute Presado

### Secretariado

Marina Almeida Ricardo

### Motorista

David Fernandes

## Atores

João Grosso,  
José Neves,  
Manuel Coelho,  
Paula Mora  
e Catarina Couto Sousa,  
Cláudio Castro,  
Ema Marli,  
Inês Cóias,  
Nadezhda Bocharova  
(estagiários ESTC 2020-21)

## Direção de Produção

Carla Ruiz,  
Joana Costa Santos,  
Manuela Sá Pereira,  
Pedro Pires,  
Rita Forjaz

## Direção de Cena

André Pato,  
Andreia Mayer,  
Carlos Freitas,  
Catarina Mendes,  
Isabel Inácio,  
Pedro Leite,  
Sara Cipriano  
e Diana Especial  
(estagiária)  
Auxiliares de Camarim  
Carla Torres,  
Paula Miranda  
Pontos  
Cristina Vidal,  
João Coelho  
Guarda-roupa  
Aldina Jesus,  
Ana Teixeira,  
João Pinto,  
Sílvia Galinha  
Assistente Direção  
de Cena e Técnica  
Sara Villas

## Direção Técnica

Rui Simão,  
Miguel Abelho  
Maquinaria e Mecânica  
de Cena  
Frederico Godinho,  
Jorge Aguiar,  
Lindomar Costa,  
Marco Ribeiro,  
Miguel Carreto,  
Paulo Brito,  
Nuno Costa  
Iluminação  
Feliciano Branco,  
Daniel Varela,  
Gonçalo Morais,  
Luís Lopes,  
Pedro Alves,  
Sophia Andrade  
(estagiária)  
Som/Audiovisual  
Pedro Costa,  
André Dinis Carrilho,  
João Neves,  
João Pratas,  
Margarida Pinto,  
Tiago Alves  
Motorista  
Carlos Luís

## Direção de Comunicação e Marketing

João Pedro Amaral,  
Catarina Freire,  
Élia Teixeira,  
Joana Bonifácio,  
Paula Martins,  
Tiago Mansilha

## Direção Administrativa e Financeira

Carolina Lemos,  
Eulália Ribeiro,  
Susana Cerqueira  
Controlo de Gestão  
Diogo Pinto  
Tesouraria  
Ivone Paiva e Pona

## Recursos Humanos

Verónica Bicho,  
Lélia Calado,  
Madalena Domingues

## Direção de Manutenção

Susana Dias,  
Albertina Patrício  
Manutenção Geral  
Raul Rebelo,  
Carlos Henriques,  
Eduardo Chumbinho,  
Tiago Trindade  
Informática  
Nuno Viana  
Técnicas de Limpeza  
Ana Paula Costa,  
Luzia Mesquita

## Direção de Relações Externas e Frente de Casa

Ana Ascensão,  
Ana Pinto Gonçalves,  
Carolina Villaverde  
Rosado,  
Deolinda Mendes,  
Mariana Gomes  
Bilheteira  
Rui Jorge,  
Carla Cerejo,  
Sandra Madeira  
Receção  
Isabel Campos,  
Paula Leal

## Direção de Documentação e Património

Cristina Faria  
Acervo  
Rita Carpinha  
Biblioteca | Arquivo  
Catarina Pereira,  
Ricardo Cabaça  
e Anabela Mourato,  
Cláudia Graça,  
Filomena Chiaradia,  
Rafael Oliveira  
(Projeto Rossio)  
Livraria  
Maria Sousa